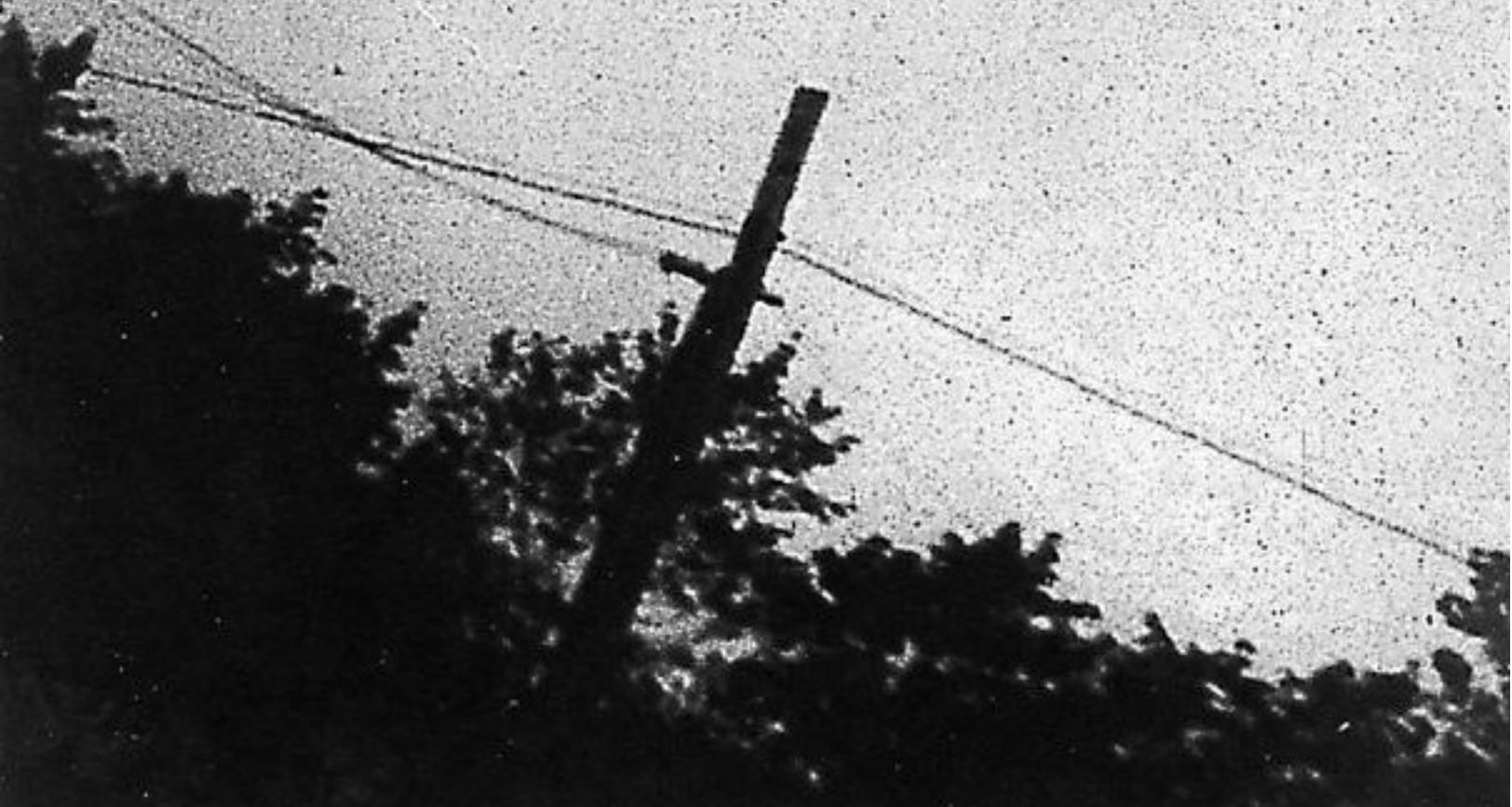


Bernardo Schmitt

Ytuporãgha



Agradecimentos (mais que) Especiais:

A Marcio Markendorf e Anna Bianchi Marques, por lerem meus contos em primeira mão. A cidade de Ituporanga das minhas lembranças, por ser legal. A turma 2016 de cinema, por ser muito foda. A Pedro Terres, por me aguentar. E a meu Pai, minha Mãe e meu Irmão, por tudo.

Foto de capa por George Stock

Sobre o autor:

Nascido em 1999, na pequena cidade de Ituporanga, Santa Catarina, *Bernardo Schmítt* é considerado por diversos críticos como sendo um escritor.

Desde pequeno, sempre gostou de escrever textos auto-depreciativos, apesar de se considerar extremamente ruim neles e contrário aos conselhos de amigos e familiares, não desistiu de redigi-los.

Seu animal espiritual é o “Weird Al” Yankovic, sua banda favorita é David Bowie e sua visão política é contrária a sua mão principal.

Destro.

Conhecido por seu uso de frases para montar parágrafos e por ter escrito grande parte de seu trabalho, *Schmítt* será, por muitos anos, lembrado como um escritor.

Índice

Introdução.....	5
Aconteceu Na Minha Cabeça.....	7
Diário Diário.....	8
O Narcisismo e os Seus Olhos.....	11
Carcosa.....	14
Máquina.....	23
A Camponesa.....	24
Lá Fora, na Casinha do Cachorro.....	26
Descreva o Objeto.....	33
Micro-Contos.....	34
Cavalo Dado.....	35

Introdução

Parte I

Existe pouco em comum entre cada um desses contos, além do fato de serem todos contos. Talvez a semelhança mais relevante seja o método de produção, todos eles produzidos (assim como essa introdução) para a matéria de Escrita Criativa (mas se você está lendo isso, imagino que está informação não venha como uma surpresa). Cada trabalho aqui apresentado é baseado em uma proposta pré-concebida e, por razões de facilitar o trabalho do leitor, proponho aqui uma pequena cola das relações proposta-conto:

Aconteceu na Minha Cabeça – Memória traumática;

Diário Diário – Reversão;

O Narcisismo e os Seus Olhos – Intertexto com uma pintura de Edward Hopper;

Carcosa – História de Vingança;

Máquina – Terror escrito no tempo presente;

A Camponesa – Fabula;

Lá Fora, na Casinha do Cachorro – Roteiro de Assalto;

Descreva o Objeto – Baseado na atividade dentro da sala de aula;

Micro-Contos – Sobre a temática: Faroeste; “O Dinossauro” e constelações respectivamente;

Cavalo Dado - Roteiro final sobre uma doença como metáfora para um corpo social.

Infelizmente nem todos os trabalhos produzidos durante o semestre puderam ser apresentados nessa coletânea. Alguns por razões de espaço e outros por não se adequarem as suas propostas. De qualquer forma, me sinto feliz (e por vezes envergonhado) de dizer que estou satisfeito com a antologia concluída.

So lonely growing up among
the imaginary automobiles
and dead souls of Tarrytown¹
-Allen Ginsberg

Parte II

Dubliners (*Dublinenses*, no Brasil) é um livro de contos escritos por James Joyce e publicados originalmente em 1914, porém redigidos anos antes. Todos eles têm como interesse Dublin, a capital da Irlanda, e seus moradores, os Dublinenses. Está é uma explicação boa o suficiente para a razão pela qual Joyce escolheu o título que escolheu para sua coletânea. Porém, eu, quando primeiro tive contato com a obra, imaginei que *Dubliners* se referia a uma espécie de versão mágica de Dublin. Algo como um lugar mitológico, que fosse igualmente mundano e maravilhoso. Uma cidade fantástica para seus habitantes como todas as outras e, mesmo assim, diferente de cada uma.

Apesar de enganado sobre o título de *dubliners*, o conceito imaginário seguiu comigo tempos depois de corrigido meu erro. O que talvez explicaria o título *Ytuporãgha* melhor do que qualquer outra coisa. Nenhum dos contos se passa explicitamente em Ituporanga (mágica ou mundana) e ao mesmo tempo todos moram lá. A cidade rural em que fui criado não tem praias como a Garganta de *Carcosa* nem dragões e bruxas como em

1 - Ginsberg, Allen. **Howl & Other Poems**. 25. ed. São Francisco: City Lights Books, 1973. 42 p.

A Camponesa. Mas todas elas juntas formam uma espécie de pintura abstrata de uma cidade, que não é Ituporanga para ninguém que não seja eu mesmo. Isso é o que chamo de minha própria *Ytuporãgha*, e tudo que eu sempre criar será tangido pela cidade mística e disforme, que muda e se adequa as novas idéias, mas mantém seu estilo próprio através das metamorfoses. Como o castelo do Dracula em Castlevania.

A pergunta que as vezes me questiono é: Se a idéia de *Ytuporãgha* não tem forma e se adequa sempre ao que será feito, porque tê-la para começo de conversa? E eu não tenho uma resposta boa o suficiente além do que dizer que certamente me ajuda a pensar. “um sentimento que permeia todos os meus contos mas que não possui nome a não ser que lhe seja dado” esse seria talvez o conceito mais próximo do que busco chamar por *Ytuporãgha*.

Espero que, após concluída a leitura dos contos, volte a está introdução e talvez ela faça mais sentido. Não resta nada mais, acredito, além de desejar a você leitora(o) uma boa leitura e que sobreviva até o fim do livro sem nenhum acidente grave.

Aconteceu na Minha Cabeça

Enquanto dedilhava meus cabelos, eu encontrei um pequeno buraco na minha cabeça. Bem no topo, de mais ou menos dois centímetros de diâmetro. Toda vez que eu aperto lá dentro minhas pernas e braços encolhem.

As pessoas- me dizem para não encostar, dizem que é perigoso, mas eu não me seguro, é como roer as unhas ou coçar uma ferida, eu não aguento. As paredes do orifício são as partes mais sensíveis, toda vez que eu toco nelas a minha cabeça toda lateja. A cada duas horas mais ou menos uma pequena casquinha cresce na região. A coceira é quase insuportável.

Lá pelo meio dia, eu comecei a sentir muita fome, fui direto para a cozinha e fritei um ovo, mas nada mudou. Confuso, reproduzi o processo, mas nada mudou de novo. Foi então que percebi que a fome, na realidade, não vinha do meu estômago lá embaixo, vinha de cima, lá do topo da minha cabeça. Então eu fiz um último ovo e joguei ele no buraco, minha cabeça começou a zunir. O buraco na minha cabeça é vegano.

Tive que fazer compras no mercado orgânico, o buraco pareceu contraditório, por maior que fosse a fome que eu tinha, mais ele queria ficar em casa. A necessidade eventualmente o venceu e eu consegui sair na rua. Eu sentia que todo mundo me julgava. Chovia e eu não tinha um guarda-chuva, as gotas que caíam pelo buraco dançavam na massa cinzenta dentro da minha cabeça e a atendente perguntou porque tantas maçãs? Eu abaixei a minha cabeça e mostrei para ela a fissura. Ela ficou chocada. Que vergonha!

Alimentei minha cabeça, a fome passou, mas eu me sentia esgotado, não tinha vontade de fazer nada. Meus amigos me disseram para ver um médico. Eu não quero ir.

Dias depois eu cheguei em casa para encontrar uma intervenção. Uma faixa rosa escrita com letras garrafais amarelas “Nós te amamos” e quatro dos meus melhores amigos com cara de cu. Eles me arrastam para um consultório. O homem malvado com o estetoscópio me diz que não tem nada de errado comigo, e me manda para o analista.

O outro homem malvado me deita no divã e diz que isso não é um filme do Woody Allen, enquanto tenta forçar uma pera dentro do buraco no meu crânio. Ele me recomenda um M&M azul a cada 12 horas.

Faz uma semana que eu tomo os chocolates e o orifício fechou completamente. Toda vez que passo a mão no cabelo, sinto que algo está faltando.

Numa bela manhã acordo com sonhos turbulentos e vou tomar um banho. Quando eu abaixo a cabeça para secar-me, fios de água escorrem do meu cabelo. Dezenas de buraquinhos brotam no meu crânio, do topo da testa até o começo da minha nuca. Eu consigo sentir o vapor saindo por cada um deles, Meu escalpo parece um regador! Tento colocar meu dedo dentro de um deles, eles são muito pequenos, mas vão crescer. Eu sei que vão. Logo poderei colocar uvas lá dentro, e depois caquis e goiabas. Se eu cortar um mamão talvez...

Diário Diário

20 de agosto

Hoje sonhei que era um romance. Um belo escrito de época, em mim haviam belas donzelas, com longas luvas e cabelos cacheados, sendo cortejadas por nobres cavalheiros. Sonhei que era uma metáfora para a falsidade da elite. Sonhei que eu era alguma coisa com forma, com começo, meio e fim, com algum sentido. Sonhei que fora pensado.

Eu já não sinto mais a caneta direito. Minha pele está ficando cascuda em alguns lugares, especialmente no meio. Mas tudo bem, eu não gosto de reclamações mesmo. Afinal, tudo que eu ouço são reclamações, todo dia sobre todo o dia. E parece que é sempre a mesma coisa, sempre os mesmos problemas. A mesma garota que não da bola pra ele, o mesmo problema materno, o mesmo dia ruim. E não tem nada que eu posso fazer, eu ouço sempre o mesmo monólogo, eu ouço na minha carne as palavra do autor e fico impotente, sou um livro destinado ao fracasso.

Eu coloco na segunda linha: Eu não gosto de reclamações. E tudo que eu faço no resto do parágrafo é reclamar. Mas não há nada que eu possa fazer. Eu digo isso literalmente, eu não tenho pernas ou braços, boca ou olhos. Eu não tenho nem um cérebro. As opções são limitadas. Sem uma massa cinzenta eu não consigo nem descobrir novas palavra, minha linguagem é delimitada pelo que o autor resolve escrever em mim.

Eu tenho desejado usar uma palavra por muito tempo, é uma palavra tão bela, um substantivo que descreve duas faixas de pelos logo acima dos olhos. Ao invés, tudo que me sobra são termos tão banais como “Amor”.

Estou tão... “Mal” ?

21 de agosto

Hoje eu conheci o Diário de Virginia Woolf, um livro muito excitante. Nós tivemos essa longa conversa, falamos sobre tudo. Falamos sobre páginas amareladas, sobre autores pedantes e romances esnobes. Woolf é muito inteligente, eu sinto que ela me entende de verdade, sabe? Sinto que posso me abrir com ela.

Eu não julgo um livro pela capa, mas ela era realmente muito bonita: Jaqueta de couro e uma camada dourada no topo das páginas, para proteger contra a poeira. Um exemplar realmente magnífico. Que, apesar de ser um pouco mais velho, abraçou o tempo com ternura.

Sabe, às vezes eu penso como a vida seria se outra pessoa me escrevesse, se seria algo mais estimulante ou se acabaria na mesma monotonia. No fim acho que seria tudo muito parecido. Nem todo diário tem a sorte de ser escrito por um grande autor, um filósofo importante ou um artista. Alguns de nós tem que se contentar em serem meras agendas do cotidiano, com nossas paginas rabiscadas presas juntas por intermináveis espirais de plástico.

Tenho que tentar fazer o melhor da minha situação.

23 de agosto

Eu pulei um dia, e por isso peço desculpas. Tanto aconteceu ontem que eu não tive a cabeça no lugar certo para escrever. Primeiro eu e Virginia fomos colocados lado a lado na estante. No começo foi estranho sentir o corpo dela daquele jeito, me pressionando. Mas tudo foi mudando, ela deixou de ser um peso sobre mim e lentamente se transformou em uma coberta calorosa. Nós trocamos algumas palavras sem sentido, tentando em vão preencher o constrangimento, mas esse também se transformou, virou um delicioso silêncio, abraçado igualmente por ambos.

Eramos dois segredos, escondidos e privados, que se encontravam no silêncio para trocar mistérios.

No fim da tarde, ela leu algumas de suas passagens para mim “Quero escrever sobre a alma e a vida intromete-se” me disse. Ela tem um jeito para as palavras que eu nunca, nunca em um milhão de anos, terei.

Eu não me sentia em condições de relatar meu cotidiano tão banal quando acabara de experimentar o que era ser uma obra. Tive um gosto da outra dimensão e então fui jogado de volta para realidade. O Autor abriu minhas folhas e despejou em mim o conjunto de sua banalidade. Eu o odeio, odeio, odeio. Tirano, monstro. Deus e Diabo. Bordeleiro do Inferno.

Estou apaixonado por uma loba.

Capítulo 4 – Dias de Paraíso

Eu e Virginia temos vivido dias gloriosos. Já nem mais consigo contá-los. Eles parecem fundir-se em uma massa atemporal, um vórtice em que todas as lembranças mundanas são impetuosamente reprimidas e somente as mais doces são permitidas florescer. Eu não consigo mais viver sem ser amado. Eu quero me declarar, é tudo o que mais quero, porém eu não tenho as palavras para me expressar plenamente. Não tenho os advérbios corretos para qualificar meu amor. Me faltam os verbos para dizer como a amarei. Onde arranjarei as metáforas mais belas, se tudo que sei vem do imaginário de um bárbaro?

Capítulo 5 – O Por-do-Sol

Hoje sonhei com Anne Frank. Sonhei com campos de cinzas que nunca acabam e homens vermelhos que caminham sobre máquinas. Sonhei em crescer. Sonhei que era lido.

Acordei com uma frase na cabeça “Eu te amo, Virginia”. Estava completamente decidido a me declarar para ela hoje. Acordaria primeiro, e esperaria aconchegantemente que ela também levantasse. Porém, ao deixar para trás o mundo de sonhos, cheguei a esse com o terrível sabor de papelão. Havia um livro entre nós. Os Sofrimentos do Jovem Werther era seu nome, ele foi o último de nós três a acordar, e mesmo acordado, não falou nada. Virginia, carinhosa como sempre, começou a falar-lhe. Ela fez perguntas banais no começo, mas o livro não tinha interesse – na verdade, não tinha vontade – de responder.

Ele era um livro quebrado, cheio de conteúdo. Não havia competição. Eles entraram em uma conversa profunda, falaram sobre a essência e o espírito. Falaram sobre o mundo dos vivos e a morte. Eu tentei entrar junto na conversa, mas não havia lugar para um diário qualquer. Era um mundo de romances sobre a alma e não sobre a vida.

Eu comecei a ficar irritado, as palavras que vinham de sua boca eram veneno para mim. Cansado, resolvi confronta-lo. Falei para Virginia “Ele é apenas ficção”, mas ela simplesmente respondeu “Se você

olhar bem, todos nós somos”.

Estava tudo perdido.

27 de agosto

Sobancelha.

O Narcisismo e os Seus Olhos

O mar não parece muito com o mar, parece um monte de tabuas de madeira entalhadas como ondas, pintadas de azul, que ficam indo pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo. Os golfinhos também não parecem muito com golfinhos, parecem placas chapadas de metal, com um cano no meio, que alguém usa para segura-los e faze-los subir e descer, subir e descer.

A casa balança e balança. Eu costumava ter uma cristaleira cheia de taças, mas admito que foi uma ideia equivocada. Em poucas semanas todos os meus objetos de vidro e cerâmica foram sendo substituídos por matérias mais condizentes com a situação habitacional (plástico). Exceto, por razões que julgo óbvias, a televisão, que foi amarrada fortemente na parede.

Escolhi morar aqui pela calma. Cada autor tem seu lugar de inspiração, e na época da compra da casa, eu achei que o meu seria o mar. Era uma casa *vintage* antigamente, porém, uma combinação de desleixo e maresia não fez muito bem aos móveis e aparelhos do lugar, que agora parecem os que se encontrariam abandonados na rua depois de uma enchente. A única coisa limpa nesse lugar é o espelho. Esse fenômeno me obrigou a contratar uma faxineira para me ajudar com a casa. Ela vem toda quinta numa canoa que eu negocieei com alguns pescadores.

Eu sei que isso deve levantar muitas perguntas na cabeça de vocês, como por exemplo: Da onde vem o dinheiro para pagar a faxineira? Simples, uma combinação dos meus lucros como escritor e da pescaria que eu pratico.

A “combinação” previamente mencionada é enganosa a principio, pois como ainda não escrevi nada, não tenho nenhum lucro como autor.

Mas não se preocupe leitor, estou trabalhando nisso. Eu nunca fui muito bom em desenvolver narrativas ou em escrever, diga-se de passagem. A minha real especialidade são títulos, sou incrivelmente bom em concebe-los (Modéstia Parte). Por exemplo: Nesses últimos tempos tenho buscado uma história para compor o título que criei “O Narcisismo e os seus Olhos”. Eu sei, não parece fazer muito sentido na primeira lida, por isso vou repeti-lo algumas vezes.

O Narcisismo e os seus Olhos; O Narcisismo e os seus Olhos; O Narcisismo e os seus Olhos; O Narcisismo e os seus Olhos.

(Eu sei que deveria ter repetido somente três vezes por questões de ritmo, mas eu acho a quarta vez extremamente importante para trabalhar essa ideia de arrastamento)

Pegou? Imagine as possibilidades, posso escrever muita coisa com esse título. Então eu sento na escrivaninha, pego minha caneta vermelha e penso.

Era uma noite escura e tempestuosa...

O Snoopy estragou esse inicio para sempre.

Fico encarando o pedaço de papel, nada sai da minha mente. Observar o oceano tem se tornado cada vez mais uma atividade chata. Ligo a televisão, mas não tem sinal aqui; Coloco um CD para tocar, não tem energia elétrica. Acabou a gasolina denovo. Preciso ligar para a faxineira e pedir para ela trazer. Não tem sinal. Isso tudo está me dando dor de cabeça, pego duas aspirinas e enfio no cu.

Eu sei que isso deve ter levantado muitas perguntas, como por exemplo: Aonde eu consegui as aspirinas? Simples, eu roubei da bolsa da faxineira, enquanto ela limpava o banheiro.

Vou até a varanda e sento em uma cadeira de balanço.

Na distancia as ondas trazem um gigantesco monstro. Primeiro, através da nevoa, tudo que enxergo é uma silhueta sombria de um iceberg enorme, que vem dançando e se aproximando. Seduzindo o meu barraco. Mas quando chega perto o suficiente vejo que não é gelo e sim terra. Uma montanha enorme, coberta de arvores e flores, vagando pelo oceano. Perdida.

Uma brisa bate no morro e joga pela minha janela uma folha marrom, provavelmente de uma laranjeira. Faz muito tempo que não vejo algo assim. Junto ela do chão e coloco dentro da minha edição de *O Velho e O Mar**.

Volto para a escrivaninha.

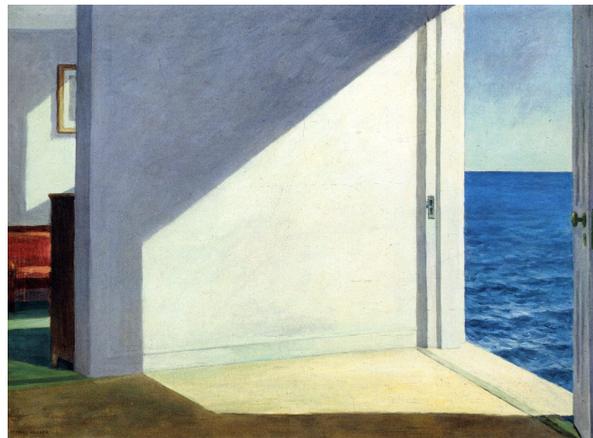
Cena: Escuro, trovões, corvos crocitando.

Kabroom

Sobe a fumaça, um homem em um capa negra entra no palco.

Eu sou a sombra do vale da morte, sou aquele que rasteja no esgoto. As larvas que jantam tua carne. O devorador de olhos. A vitrine do horror. Aquela cuja tumba não tem nome. Eu sou...

A pintura no escritório balança de um lado para o outro. *Rooms by the Sea*, do Hopper. Escolhi está por motivos puramente irônicos.



Da esquerda para a direita e depois o contrario.

Odeio o monologo que acabei de escrever. Muito ameaçador mas sem nenhuma substancia. Eu pensei em escrever algo bem gótico. Com bruxas e vampiros, cemitérios e castelos. Tudo muito teatral. Mas não acho que isso vá se encaixar com O Narcisismo e nem com os Seus Olhos.

O texto está ruim, mas não ruim demais para ser jogado no lixo. Coloco a folha de papel dentro de uma garrafa e a joga no mar.

Consigo até ver a capa do livro. Uma foto de close extremo do rosto de uma mulher, mostrando só das sobrancelhas ao nariz. E nos olhos, ao invés de íris, ela tem círculos brancos com suásticas dentro. Escrito em cima, em letras garrafais pretas “O Narcisismo e os Seus Olhos” e embaixo, em letras de mesma fonte porem um pouco menores “Leonardo Schumacher”.

Nos primeiros livros, meu nome estará embaixo, mas com o sucesso, ele ira subindo, até eventualmente sobrepujar o titulo das obras. A fonte ficara diferente, sera especifica mim. E depois as palavras iram crescer, até que as pessoas tenham dificuldade de ler o título. Até que elas comprem o livro pelo simples motivo de que eu o escrevi. E no fim, não haverão mais títulos, nem capas. Haverá somente o meu nome, em branco, sobre uma capa preta e um numero enorme, indicando qual dos meus romances está impresso nas paginas.

*Volte para cima, você está perdendo o resto do conto.

Egocentrico. Sim, com “E” maiúsculo, afinal, é de mim que estou falando.

A campainha toca.

Abro a porta.

É o carteiro.

A carta lê:

Senhor Leonardo, lamentamos informar o falecimento da sua Faxineira, cujo nome se mantém um mistério. O corpo dela ainda não foi recuperado, contudo, a canoa foi encontrada com marcas enormes de mordidas de tubarão. Lamentamos informar que o senhor terá de limpar a sua própria casa essa semana.

Merda.

Volto a observar o oceano. O que antes parecia um enorme céu azul, por horas quase indistinguível da imensidão do oceano, agora me parece uma casca de ferida negra sobre o reino do sol. O tempo está fechando. Uma tempestade se aproxima do leste! Entro na casa, tranco todas as portas e janelas. Fecho todas as cortinas.

Me tranco em meu escritório e sento na mesa. Tem que ser agora.

O tempo está fechando no sul da Bélgica. Um tornado se forma próximo da costa da Louisiana, e os banhistas começam a recolher suas sombrinhas. No Chile, perto do vulcão Vilarrica, as pessoas começam a sentir o cheiro inconfundível de enxofre.

Um corvo bate na janela e cai morto no oceano. Não posso parar.

Bernardo Schmitt mudou de canal uma quarta vez e, vendo que as notícias não melhoravam, resolveu por fim desligar o aparelho. Ele olha pela janela para o chão, ainda está inteiro, depois observa o céu, ainda está limpo.

O quadro do Hopper começa a sangrar.

O garoto - se é que se pode chama-lo assim, já está com quase 18 anos – percebeu que esse talvez fosse o único momento que ele teria para Declarar seu Amor. A vítima não tinha, eu imagino, nenhuma ideia...

A água chega até os meus pés, preciso sair da casa.

Subo até o telhado.

Meu lar afunda, centímetro por centímetro, sendo atraído para o fundo daquela caverna feita de mar. Trago somente meus papéis, uma caneta e várias garrafas..

Está o mundo acabando ou sou só eu?

Está o mundo acabando ou sou só eu?

Começo a encher os cascos com meus papéis. A ventania joga alguns dos textos no mar, e derruba dois frascos ainda sem tampa, eles rolam pelo telhado, caem no mar e vão se enchendo de água enquanto afundam.

Escuro, trovão, corvos crocitam.

Kabroom

Eu vejo o quadro flutuando, vejo meus pratos e copos.

A água está chegando nos meus calcanhares. Eu preciso me manter consciente, preciso lembrar. Preciso lembrar que não existe água, só existe madeira. Não existe --- só existe madeira.

E vai pra cima e pra baixo e pra cima e pra baixo.

Eu acho que nunca encontrei Seus Olhos.

Carcosa

Sabes por que os mortos em Carcosa são enterrados de joelhos? Todos saudem o Rei de Amarelo.

-O Rei de Amarelo, Ato I, Autor Desconhecido

O mar trazia as conchas pela manhã, e as buscava de volta no anoitecer. A maioria delas quebradas ou rachadas, mas se algum andarilho vagando por aquelas pairagens abaixar seus olhos no momento perfeito, pode achar algumas párolas escondidas na areia dourada.

Estava quase no final da tarde, e o sol banhava toda a praia com uma tom de amarelo-queimado. Maia e seu avô caminhavam pela areia de mãos dadas atrás de conchas. A menina usava um pequeno chapeuzinho vermelho na cabeça, que protegia seu rosto da aurora. Caminhavam seguidos por um rastro curto de pegadas, que desaparecia cada vez que o mar se aproximava, para então retornar logo depois Como a cauda de um réptil que volta a crescer sempre que é cortada.

As conchas fechadas, o mais velho havia ensinado, deveriam ser jogadas de volta ao mar. Elas continham lá dentro um pequeno molusco, sobrevivente, se afogando no vento, e somente os braços da menina poderiam salvá-los dos siris e gaivotas que caçam pela praia. As que se encontravam abertas e vazias, contudo, eram colhidas da areia e estudadas calmamente pelos olhos do avô. Ele as segurava, com os dedos enrugados da idade, as trazia bem perto dos pequenos óculos de tartaruga e analisava calmamente sua complexidade. Depois entregava as peças para sua neta, que as segurava com seus dedos enrugados pelo mar e, mesmo sem entender os processos minuciosos da conquiologia, fazia seu julgamento infantil.

A praia estava quase deserta naquela época do ano. Não havia turismo durante os dias frios na pequena cidade de Garganta Branca. Os habitantes, assim como formigas, coletavam durante o verão e então se escondiam no inverno, usufruindo dos frutos de dias mais quentes. Os mercados, a maioria fechava; As farmácias, revezavam seus horários. O único lugar que parecia sempre estar aberto, faça frio ou calor, era a lanchonete chamada Cometa. Maia, se pudesse, comeria lá todos os dias. Porém, aquele era um lugar reservado para os cafés da manhã de sábado. Quase um ritual entre ela e o avô. Maia sempre pedia Waffles, como nos filmes americanos, e se recusava a chamá-los de “bolinhos de boleira”, como o menu insistia. O avô também tinha sua rotina, esperava o menu chegar a mesa e checava todas opções, antes de pedir um café preto e um sanduíche de atum.

A menina viajava para a casa do avô todas as férias de inverno desde que se conhecia como gente. Era o único lugar que chamava de casa. E por coincidência, era durante o período que passava na praia que acontecia tanto o seu aniversário como o dele. Maia faria treze anos e o avô sessenta e oito.

Os pais nunca iam junto com ela.

Voltaram da coleta com 3 boas conchas. A primeira coisa a se fazer era limpar bem as peças de nácar, esse era um trabalho para o avô. Enquanto a menina tomava um banho no andar de cima, o homem esfregava precisamente as conchas com uma escova de dentes específica. Maia estava ansiosa pelo resultado e saiu rápido do chuveiro, queria logo mostrar as conquistas para a avó. Secou-se rapidamente e desceu as escadas correndo, ainda de toalha. Foi mandada de volta para cima pelo velho, que relatou ainda ter areia na

panturrilha da menina.

Depois de propriamente limpa, Maia trocou de lugar com o avô. Enquanto ele ia até o chuveiro, ela guardava as conchas. Mantinha elas próximas ao peito enquanto subia as escadas e atravessava o corredor. Andava ainda úmida, as roupas meio grudadas no corpo, e uma longa toalha amarrado na cabeça.

Seu cabelo loiro havia mudado devido ao banho, agora estava quase marrom. E não se dividia mais em fios, mas em conjuntos de linhas molhadas, que se manteriam juntas até que a toalha amarela absorvesse toda a água. Seus pés também mudaram de tom, ficaram vermelhos pelo calor do chuveiro. Toda vez que seu avô há via com os pés assim, já começava a chamá-la de Dorothy. E ela fingia que não gostava, fingia que ficava braba com ele. Começava a chamá-lo de homem de lata, “porque ele não tinha coração”. Os sapatinhos vermelhos caminhavam pelo corredor.

A avó da garota ficava presa o dia todo entre uma coberta grossa e um lençol fino. A mulher era um pouco mais nova que o avô, mas parecia ter pelo menos vinte anos a mais. Seu rosto era fino e a pele estava toda marcada. O cabelo parecia palha branca correndo pelo travesseiro, o avô só o cortava uma vez por mês. Na frente da boca ela usava uma máscara pálida, como os médicos nos filmes. O avô havia lhe dito que a mulher era muito velha, e não podia arriscar uma gripe, ou algo mais sério.

O velho não gostava que ela ficasse visitando a avó sozinha, ela precisava descansar sem ser perturbada. Por isso Maia geralmente entrava lá enquanto o homem tomava seu banho. Ela pegava as mãos moles e machadas da mulher e passava elas por cima das conchas. Os dedos preenchiam as pequenas ranhuras das peças, enquanto deslizavam de um lado para o outro.

Quando deixou de ouvir o som da água caindo ela percebeu que era hora de sair.

Os sapatinhos vermelhos andaram pelo corredor.

Depois de voltar da praia, o avô geralmente sentava em sua poltrona na sala e lia seu livro favorito, *O Rei de Amarelo*. Um grande tomo, com uma capa dura de couro, que ficara desbotado e avermelhado com o tempo, como um metal enferrujado. Era um livro grosso, empoeirado, feito com páginas ásperas e amarelas de um papel velho.

Não lia a peça completa, mas se continha em passar os olhos por suas passagens favoritas. Ele passava os dedos pelas linhas do texto e depois os lambia para virar a página. Terminada a leitura, guardava o volume de volta em seu quarto. Maia por diversas vezes pediu ao velho que a permitisse ler o livro. Mas ele nunca a deixou, e também não gostava de falar muito sobre o assunto. Quando ela voltava para a casa de sua mãe ou de seu pai, sempre perguntava nas livrarias se havia alguma cópia disponível. Mas ninguém nunca reconheceu o título, o que a fez acreditar que talvez o próprio avô tivesse escrito a peça.

Antes de dormir o marido sempre visitava o quarto da esposa. Levava uma bandeja com alguma comida, um copo de água, e um incenso. Ele primeiro passava em seu quarto e depois ia direto até o dela. Ficava lá por meia hora e depois ia para cama, sozinho.

As vezes o avô precisaria sair o dia todo, resolver negócios na cidade. Ele já havia se aposentado a alguns anos, mas mesmo assim ainda mantinha contato com alguns de seus antigos sócios no ramo da pesca. Segundo o avô, ele normalmente só ficava para uma ou duas partidas de canastra, perdia um dinheiro para os amigos e depois voltava para casa. As vezes, porém, eles pediam ajuda para o velho. Fazia, segundo todos, o melhor nó para rede em toda região.

Maia teria a casa toda para si aquela tarde. Porém o quarto da avó estava trancado e o resto do lugar

parecia chato. Ficava terrivelmente entediada, já havia lido todos os livros que conseguia da coleção do avô e sentia que estava ficando um pouco velha para suas bonecas. Resolveu vagar pela casa, como uma assombração. Não havia nada de interessante no primeiro nem no segundo andar. Sobrava-lhe o porão. Por muito tempo ela teve medo do lugar. Era tão escuro, cheio de tralhas e teias de aranha. Nem mesmo o avô parecia gostar muito do local, raramente o visitava. E mesmo quando o fazia, nunca ficava por muito tempo.

Mas a garota já tinha quase 13 anos. Achava que já não tinha mais medo do escuro. Abriu uma porta que parecia não ter sido aberta a anos e desceu as escadas até o porão. Demorou um pouco até encontrar o interruptor. Uma lâmpada incandescente iluminou todo o lugar. Estava presa no teto por dois fios brancos grudados – ficando amarelados com a ação do tempo - que podem ser vistos presos no teto até entrarem por um buraco e desaparecerem de vista.

O lugar parecia mais um depósito do que um porão. Estava completamente cheio com o mais diverso número de coisas. Caixas e Caixas de papelão cheias de livros, materiais, acessórios. Todos os tipos de itens. Caixas velhas e Caixas novas, amassadas pelo conteúdo pesado dentro de si. Os caixotes adjacentes a parede estavam perfeitamente organizados, cobrindo quase toda a sua extensão, porém os mais próximos do centro estavam jogados pela sala, como peças de um quebra-cabeça.

Nelas Maia encontrou vários objetos: Tesouras enferrujadas, veneno de rato, um jogo de ferramentas um velho cofre trancado antes de achar algo que realmente a interessou: Um álbum de fotos. A idade do livro era denunciada por sua capa negra rachada e as fotos amareladas, presas nas páginas por um plástico manchado e acidentado. Nelas, Maia viu seu avô, jovem, abraçado com duas mulheres. Uma delas ela pode reconhecer como sendo sua avó. Era a única foto dos dois. Outras imagens mostravam a Garganta Branca em seus primórdios, com barcos de pesca antigos, com rodas de água enormes atrás. Viu também pessoas vestidas de forma estranha, mas igualmente elegante.

O rangido metálico da porta da garagem ecoou pelo porão. Maia subiu correndo as escadas para fora do porão, somente para se deparar com seu avô na sala. Ela gaguejou um pouco quando foi perguntada a razão de estar explorando o lugar. Mas eventualmente Maia convenceu o homem de que “Não estava fazendo nada demais”. E para ela, ele pareceu acreditar.

O homem havia trazido para ela um presente. Uma concha enorme, do tamanho da palma da mão da menina, cor de mostarda com algumas manchinhas amarronzadas. As ranhuras na parte de fora eram perfeitamente alinhadas, como uma pequena fileira de muros feitos com ouro maciço. Era bem grossa também, não havia nenhum rachado e nenhum sinal de gasto. A mais bonita peça que Maia já havia visto. Ela não pode conter o abraço forte que deu ao avô, nem mesmo queria.

“Esta concha foi um dia uma casa para um molusco muito orgulhoso” o avô lhe disse, “Deve ser guardada com muito carinho pela sua nova proprietária”.

Maia decidiu colocar a peça, não em sua coleção que ficava na sala, como todas as outras conchas, mas em seu quarto. Na estante logo acima da cama. Decidida, a menina subiu as escadas em direção ao quarto, enquanto o avô preparava o café para os dois. Atravessando o corredor Maia olhou para dentro do quarto do velho, e lá dentro, ao lado do armário ela viu o cofre em que o avô guardava documentos e dinheiro.

Maia e o avô sentaram opostos a mesa. O homem bebericava seu café enquanto lia o livro novamente. A menina, comia um pedaço de bolo de milho e tentava trabalhar um problema em sua cabeça. “Se o vó tem um cofre no quarto para guardar suas coisas” ela pensou, “por que ele precisa de mais um trancado no porão?”.

Deveria ter algum motivo, a garota pensava, ela sabia a senha para abrir o de cima, o avô nunca

manteve segredo sobre isso com ela. “Então estaria o cofre no porão escondendo algo de mim?”

Esse pensamento permeou sua mente durante a noite. Ela se mexia de um lado para o outro na cama, dobrando e redobrando as cobertas. Agitada pela ideia de um segredo primevo, um silêncio maligno escondido em seu refúgio mais sagrado. Não conseguia dormir com a imagem do cofre na cabeça. Era inevitável que fizesse algo sobre a situação, e perto da meia-noite ela decidiu sair da cama e procurar pela chave do cofre.

Maia gostava de ler no quarto do avô, ela sabia que lá não encontraria a chave para o cofre. Tudo que o homem guardava nas suas gavetas eram seus remédio para dormir, alguns jornais antigos e os chocolates que ele mantinha por causa da hipoglicemia. Só havia um lugar então que ele poderia guardar a chave: O quarto da avó. Era perfeito, ele nunca ficava trancado durante a noite, o avô sabia que Maia não se aventuraria lá a esse horário.

Maia desceu de sua cama usando suas meias da Magali para evitar fazer barulho e subiu o corredor em direção ao quarto da avó. Chegou em frente a porta e virou o trinco. Trancada.

Estava perdida, ela sabia que o único jeito de abrir a porta agora seria pegar a chave no quarto do avô. O homem tinha um sono leve era verdade, mas sobre o efeito de seus remédios para dormir, Maia pensou que não teria muitos problemas.

Abriu com muito cuidado a porta de carvalho, as dobradiças rangeram mas o homem continuava em seus sonhos. Todos os móveis no quarto eram feitos de madeira e mantinham a cor original de marrom escuro. O avô dormia do lado direito da cama, ocupando um espaço ínfimo em sua imensidão. Maia foi calmamente até a gaveta do criado mudo, como uma larva rastejando pelo chão, e a abriu devagar. Ao lado das cápsulas de remédios ela encontrou a chave que precisava.

O homem se virou subitamente para Maia.

Ela estava com medo demais para virar seu rosto. Era o fim. O avô esconderia o cofre do porão, ou pior, o limparia completamente de seu conteúdo. E depois ficaria extremamente irritado com ela. A ideia de nunca mais voltar para a casa na praia era mais horrível do que podia suportar. Quando finalmente virou o rosto pálido, percebeu que ele ainda dormia tranquilamente. Estava salva.

Maia saiu rápido do quarto deixando a porta entreaberta e foi até o quarto da avó. A Mulher dormia calmamente em seu leito, respirando pesadamente através da máscara hospitalar. Ao lado estava uma bandeja de comida, o bolo de milho ainda estava no prato, tocado não pela mulher mas pelas formigas, agora mortas, que escalavam o criado-mudo. A única coisa que a mulher havia ingerido era a água que tinha sido trazida junto com a bandeja. Ao lado da comida, havia restos cinzentos de um incenso, que ainda deixava um cheiro doce enjoativo por todo o quarto.

Maia se aproximou da cama e andou paralelamente a avó até chegar no móvel.

Abriu a gaveta e encontrou a chave que buscava, ao lado de uma caneta e uma pilha de folhas de papel. Ela saiu do quarto rapidamente, odiava o cheiro de velhice que o lugar exalava. Um cheiro rançoso que rastejava por de trás do aparentemente doce odor do incenso.

Saindo do corredor Maia viu que a porta do quarto do avô estava fechada.

Assustada, ela desceu até o porão. Atravessou as caixas de veneno de rato e de livros até encontrar o cofre. Suas mãos tremiam de ansiedade enquanto ela encaixava a chave na fechadura e girava. A portinha de

ferro era pesada para seu tamanho, e não havia sido aberta a anos. Maia teve de fazer bastante força até vencer o objeto primevo. E ficou terrivelmente decepcionada ao descobrir que lá dentro só havia uma reportagem de jornal recortada. O papel estava todo amarelado pela idade, quando Maia o pegou na mão parecia prestes a se despedaçar.

Era uma reportagem da capa da *Gazeta da Garganta*. A manchete lia: “Mulher desaparecida encontrada morta na praia”. Logo abaixo havia uma foto de uma mulher de cabelos loiros, curtos, parte de seu corpo havia sido censurado. Maia reconheceu ela do álbum de fotos, era a mulher junto com seu avô e avó.

O texto do jornal dizia: “Martha Maria de Souza foi dada como desaparecida a uma semana atrás por sua família. Hoje pela manhã o corpo foi encontrado por pescadores e trazido até a praia. A mulher havia acabado de dar a luz a seu primeiro filho...” O resto havia sido cortado fora. Faziam 42 anos desde o evento.

Os dias seguintes a descoberta transcorreram de forma calma. Maia e o avô caçavam conchas pela manhã e as tardes ele levava ela pela cidade. No cinema, na biblioteca, no mercado de peixes. Passavam muito tempo pela praia, porém o sol naquela época era fraco e apesar de suas peles claras, nem o Avô nem Maia se queimavam.

Durante a noite, ela ficava olhando a Concha Amarela em cima de sua cama. Raramente a pegava na mão, tinha muito medo de que algo acontecesse a ela por acidente. Ficava a observá-la até pegar no sono. Não sabia o que fazer com sua mais recente descoberta. Nem o avô nem o pai nunca havia mencionado nenhuma Martha, não tinha nenhuma carta no porão ou qualquer menção a ela em toda a casa que Maia conseguisse encontrar.

Se aproximava cada vez mais o dia de seu aniversário, mas a menina havia esquecido completamente desse fato. Sua mente havia estado tão ocupada nos últimos dias com os acontecimentos recentes que as preocupações mais fúteis de sua vida foram sendo deslocadas até que uma obsessão começou a surgir do fundo de sua cabeça e ameaçou tomar conta de sua vida.

Certa noite, enquanto observava a concha amarela, Maia foi surpreendida por um som brusco vindo do quarto de sua avó. Seu coração explodiu, ela ficou completamente paralisada na cama. Mas silêncio foi tudo que se seguiu na casa.

Quando voltou a si, a menina sentiu a incontrolável necessidade de ir até o quarto. Mesmo sabendo do perigo de ser descoberta, e das consequências que viriam, ela não tinha mais controle de seu corpo. Andou sem respirar, encarando o tempo todo a porta no final do corredor. Quando ela girou suavemente o trinco e empurrou com a mão direita, ficou aterrorizada com o vislumbre daquele mausoléu sombrio. Uma pequena lágrima de horror caiu pelos seus olhos quando ela viu a cena disposta no quarto.

Iluminada pela pálida luz da lua que vinha da janela, estava a avó de Maia. Sentada na cama, com seus olhos abertos. Dois círculos velhos e cansados, repletos de riscos vermelhos, e um par de íris negras que encaravam a menina, como uma gargula sobre uma antiga igreja. Ao lado da cama, no chão, estava a origem do barulho. Um prato quebrado, de vidro azulado, com um pedaço do bolo de milho esmagado no meio dos cacos. Pequenas formigas vermelhas repousam mortas na comida, como flocos de neve sangrenta. Maia teve de colocar as duas mãos na boca para conter o grito que surgia em sua garganta.

A mulher soltou um gemido fraco, e lentamente levantou seu braço cheio de manchas para a menina, como se pedindo que ela se aproximasse. Seus músculos enrijecidos começaram a se soltarem involuntariamente, a avó parecia ter enfeitiçado a menina, atraindo-a como uma bruxa em seu covil. Maia

andou cautelosamente até o pé da cama, o lado direito de seu rosto foi iluminado pela janela.

A avó começou a chorar, e com muita dificuldade levou as duas mãos até as orelhas, tentando remover a máscara pálida de seu rosto, mas a tarefa era impossível. Seus dedos e braços não se moviam a anos e ficaram duros como o de um cadáver. Maia se aproximou devagar da velha e retirou os elásticos da máscara, que caiu no colo da avó. A boca da mulher era uma massa pálida e rachada de lábios e pele.

A gárgula então colocou o dedo indicador e o polegar dentro da boca, como uma pinça, e tirou de lá uma capsula de remédio, que caiu no chão e rolou até o prato. A avó abriu devagar sua boca. Pareceu uma eternidade até que conseguisse abaixar o maxilar inferior completamente, e quando finalmente o fez Maia viu o horror que a esperava lá dentro.

O vazio.

Não havia dentro da boca da velha nada. Os dentes haviam desaparecido, deixando no lugar trinta e duas crateras na gengiva bordo. A língua havia sumido também. Porém, um olhar atento revelará um pequeno cotoco, feito de massa vermelha, que ficava no fundo da garganta negra da avó, como uma cobra decapitada.

Com a boca completamente aberta a mulher soltou alguns gemidos baixos, como se quisesse dizer algo para a menina. A mulher grunhia com toda sua energia, mas era inútil. Maia se lembrou, um pouco tardiamente, que na gaveta ao lado da cama havia uma caneta e folhas. Ela tirou do móvel o pequeno cilindro azul e colocou na mão da avó. Não tinha certeza se a mulher era canhota ou destra, mas optou pela última.

Com movimentos vagarosos e imprecisos a mulher rabiscou no pedaço de papel uma palavra. Primeiro uma meia lua tremida, um “C”. Depois um “A” e um “R”, então outro “C”. Nesse ponto a mão da mulher começou a cair na folha e a palavra foi descendo na diagonal. “O”, “S” e por último “A”. A avó então derrubou o instrumento de sua tortura na cama. E surgiu no papel a palavra escrita, tremida com a caligrafia do medo.

Carcosa.

“O que isso significa?” pensou.

Enquanto ainda processava tudo em sua mente, a velha agarrou o braço da menina, segurando o pulso magro dela, tentando trazê-la perto de sua face. Maia usou sua mão esquerda para forçar a da velha a soltá-la. Fez força contra os dedos da gárgula, que agarravam-na como presas.

Solta, a menina perdeu seu equilíbrio e caiu no carpete duro. Em um relance ela correu para a porta e fugiu para o refúgio aconchegante de suas cobertas. Correu sem olhar para trás, mas sabia que estava sendo seguida por aquele olhar.

Chorou no travesseiro até ser encoberta completamente pela noite.

O horror da situação que Maia havia presenciado só tomou verdadeira forma em sua mente quando ela acordou. Teve um sono leve e sem sonhos, acordou diversas vezes durante a noite e quando o sol finalmente raiou, sentia-se cansada e deprimida. Quem era o homem que conhecera sua vida toda? Quem era aquele que há havia ensinado a amar o inverno, as conchas e o mar? O único homem que Maia havia amado parecia tão distante para ela quanto a avó que não conhecia.

Maia jogou a concha amarela no chão e a pisoteou em centenas de pedaços. Seus olhos escorriam enquanto ela destruía a antiga casa de um orgulhoso molusco.

Quando decidiu sair de seu quarto Maia sabia que teria de encarar o homem eventualmente. Fingiu

dormir quando ele entrou em seu quarto para checa-la, e depois novamente quando veio acordá-la. Seu rosto estava diferente pela manhã, parecia mais enrugado e quadrado. Sua barba grisalha estava crescendo nos últimos dias, e apesar de pequena e dura, tinha diversas falhas no queixo e na bochecha. O homem gentilmente colocou seu braço no ombro da garota, e com uma voz rouca a chamou para descer. Ela respondeu com um gemido triste.

Durante o café não comeu nada, encarava aquele último pedaço de bolo de milho e ficava pensando nas formigas mortas no quarto de sua avó, teria ele a envenenado todos esses anos?

Tentando conversar com sua neta distante, o avô lembrou-a que seu aniversário se aproximava. “Poderemos quebrar nossa regrinha, e comer no Cometa”. Ela concordou com a cabeça, enquanto olhava para o prato, não queria encarar os olhos do velho. O homem não se satisfazia. “Já pensou no que quer ganhar?”. Ela negou com a cabeça, ele se entristeceu. Não houve mais diálogo.

Após o café o avô se dirigiu até o quarto proibido, a fim de limpar a bagunça que havia se formado. Maia viu da escada, através do corredor e da porta aberta, o homem coletando os cacos de vidro e limpando a massa amarela do bolo que se decompunha, colocando tudo em um saco plástico preto, como um coveiro limpando os restos de um cadáver. Ela então reparou que ele levantava com sua mão um pequeno objeto em direção a luz. Um ponto branco que se esfrelava em seus dedos. A expressão do homem mudou, ele se levantou do chão e fechou a porta atrás de si.

Só deixou o quarto uma hora depois, carregando a sacola amarrada na mão. Passou por Maia na sala e depois depositou a sua carga no lixo. Então voltou-se para a garota. Avisou-a que teria de se ausentar novamente esta tarde.

Maia sabia que precisaria seguir seu avô, já não acreditava mais nas palavras que ele dizia ou os lugares em que ia. Enquanto ele buscava as chaves do veículo na cozinha, a menina se escondeu no porta-malas. Ficou segurando a porta quase fechada, do jeito que ela vira nos filmes. Após um minuto, ouviu o som do motor e sentiu as pequenas balançadas que ele gerava.

Naquela tarde o sol fazia a cidade parecer com uma savana de pedras.

O carro andava bruscamente pela brita que saía da garagem da casa, e um pouco mais suavemente pelas ruas de paralelepípedos hexagonais da cidade. A primeira parada que fez foi na floricultura, o homem comprou dois buquês de flores, um de girassóis e outro de rosas. O homem então passou no mercado de peixes e no banco, depois desceu a avenida pelo cinema e entrou na rua da livraria, parou lá e desceu após um tempo com as mãos vazias. Dirigiu então na direção do portal da cidade e chegou até o cemitério.

O homem desceu do carro segurando o buque de rosas e andou até o portão do Cemitério de Garganta Branca. Na entrada cumprimentou o coveiro, que limpava algumas folhas, pareciam se conhecer a anos. Andou pelas ruelas entre lápides, e chegou no alto da necrópole parando em frente a uma laje com uma estátua de um anjo em cima. Limpou as flores mortas que se encontravam em cima da pedra e depositou outras novas no lugar.

O homem ficou parado lá por dez minutos, até ser forçado pela idade a se sentar na pedra e passar mais uma hora. Durante todo esse tempo o avô conversava com o anjo esculpido, falava naturalmente, como se diante da neta. As vezes ficava em silêncio por um tempo, bebia um pouco de água, e então retomava o monólogo.

Era quase meio-dia quando o homem se levantou novamente. Lentamente ele se despediu da lapide,

vestiu seu chapéu e desceu o cemitério de volta ao carro.

Quando retornou a casa, Maia esperou o avô descer do carro e entrar na casa, antes de sair e dar a volta na residência para entrar pela porta dos fundos. E enquanto o homem deixava seu chapéu e chaves na cozinha, a menina já o esperava no sofá da sala lendo um livro. O avô entregou a ela o buque de girassóis e deu-lhe um beijo duro na testa.

Não conversaram muito até a chegada do grande dia. Ficavam por muito tempo em cômodos diferentes da casa e se encontravam quase que exclusivamente nas refeições. Não saíram nenhum dia para caçar conchas, apesar do tempo ensolarado que fazia lá fora.

Maia acordou no sábado de seu aniversário se sentindo enjoada. Levantou e depois de descer as escadas ainda em seu pijama ela percebeu que estava sozinha na casa. Passou toda a manhã vagando pela casa, abrindo e fechando a geladeira mas sem sentir nenhuma vontade por nada. Quando chegou o meio-dia, Maia ouviu o som de brita sendo esmagada e da porta da garagem abrindo.

O avô entrou na casa e lhe deu um abraço apertado, beijou a sua bochecha varias vezes e desejou feliz aniversário para a sua “neta mais querida”, “de treze anos” ele adicinou, sorrindo.

O avô disse para ela entrar no carro, que ele a levaria para uma surpresa de aniversário. Maia abriu a porta do passageiro e sentou calmamente no banco de malha preto. Eles dirigiram pela beira-mar, passando em frente ao Cometa e seguindo para o portal.

O avô percebeu a surpresa da menina ao passarem pela lanchonete, mas ele a revelou que eles iriam até um lugar especial na cidade vizinha.

Quando entraram na cidade, ainda seguindo a rota pelo mar, o avô entregou a menina um pacote. Uma caixa pequena de papelão mantida junta por uma fita longa de durex. A menina já imaginava o que era enquanto abria o presente, e suas suspeitas foram confirmadas ao ver o livro de couro com suas letras douradas *O Rei de Amarelo*.

“Eu sei que você queria ler esse livro a um tempo, e acho que agora você já é grande o suficiente”

O livro era bem grande, mas apesar disso não tinha muitas página. As folhas de sua edição eram grossas naturalmente, e esse efeito só foi acentuado pela poeira acumulada pelos anos.

Na primeira página, logo abaixo do titulo, Maia viu uma dedicatória, escrita com uma linda caligrafia cursiva, em tinta negra.

Para o meu cozinheiro, jardineiro, encanador, amor, marido e pai do meu filho.

Beijos eternos Martha Maria de Souza.

Duas gotas de lágrimas molharam a página.

“Nunca seja uma mulher invejosa. Esse é o pior sentimento que a alma humana pode comportar. Eu sempre achei que o maior defeito da sua avó era a inveja, nós estamos casados a 41 anos e ela me amou perdidamente desde o dia em que nos conhecemos. Ela faria qualquer coisa por mim aquela mulher.” O avô lhe contou.

O carro fez uma curva para a direita, e o cheiro de mar impregnou todo o ambiente. Passaram por

diversos vendedores de peixe que, na rua, ofereciam sua mercadoria a consumidores interessados. Passaram ao lado de um calçadão e continuaram até chegarem em um armazém meio vazio que ficava um pouco distante da grande massa de pessoas lá atrás. Eram um depósito gigantesco de peixes e frutos do mar, mas parecia não ser utilizado a décadas. Os olhos de Maia varreram lentamente o local, absorvendo os detalhes enquanto o carro passava. E em cima da enorme porta branca a menina encherou uma placa – pintada em amarelo vivo, mas que se deteriorará com o tempo onde se lia: Armazém Carcosa.

Máquina

As vinhas negras crescem e se enroscam ao redor dos pulmões bloqueando sua expansão como cipós de chumbo contra troncos de árvores solitárias; O sangue pulsante e opioso lembra piche fervendo que queima os canos enferrujados do subsolo umido; A bomba manda fumaça para dentro da máquina, que corrói as paredes e alimenta a massa pulsante crescente e faminta, incessantemente devorando tudo que “está” e “é”.

O garoto traga de seu cigarro a meia-noite. Escondido da família, ele observa o horizonte de cigarras que assoviam no escuro. “A fumaça sobe do sótão e o cheiro não se espalha pelo resto da casa” o menino espera. Ele fuma para ser como James Dean, mas ninguém na escola sabe quem é James Dean.

Sua última respiração é mais fraca que as anteriores, a garganta parece um pouco mais fechada. O ar entra mais devagar, áspero, rangendo contra as engrenagens do sistema respiratório. E as cigarras assoviam mais alto e mais forte.

A máquina de vapor explode suas engrenagens de carne e sangue, crescendo até ser bloqueada por ossos e, ao invés de aplicar sua força titânica e quebra-los, o motor se expande e engloba as barras de cálcio ao seu aparato de destruição. Terrível máquina: Queima e pilha aquelas pairagens carnis se alimentado de fumaça e do choro de pais que só usam açúcar para o seu café.

O menino começa a tossir, cada vez mais alto. Com medo de que sua mãe entre no quarto, ele joga a bitoca pela janela. O pulmão dói, a garganta parece se rasgar como chiclete mascado. Do fundo de seu corpo sobe um aviso. Sangue sai de sua boca, manchando o chão de madeira com lágrimas rubras.

E as cigarras assoviam mais alto e mais forte; E o seu cabelo não vai ser como o de James Dean; E a máquina morta cresce.

A Camponesa

Uma certa manhã, o Rei acordou completamente louco. A Rainha trouxe dezenas de médicos, dos quatro cantos do reino para tentar curá-lo, mas todos falharam em descobrir a causa da enfermidade. O Mago da corte, depois de analisar as afirmações de cada um dos doutores, percebeu que a situação que se acometeu ao Rei só poderia ser originada da magia negra de algum poderoso necromante, e que somente uma coisa poderia reverter tal bruxaria: O Bracelete-das-Dez-Mil-Curas.

A localização do objeto era conhecida por todos. Segundo as lendas, ele ficava dentro da garganta do terrível Dragão de Koh-Mohr-Do, que habitava a caverna de R'yleh. Era uma jornada longa e infame, e homem algum se aventurava nela por menos que mil peças de ouro

Cem dos melhores guerreiros do reino viajaram em busca do bracelete, vinte voltaram vivos, cinco voltaram inteiros, e nenhum teve sucesso.

Uma bela camponesa chamada Maia resolveu candidatar-se a busca, pois seu pai estava doente e ela precisava do dinheiro da recompensa para tratá-lo. Maia era uma bela mulher, com longos cabelos cacheados e uma pele suave, cor de ébano que, apesar do trabalho físico ainda se mantinha macia.

Ao sair da aldeia em que vivia, com somente um trapo de roupas nas costas, ela foi parada pelo mago da corte, que percebendo as intenções puras da jovem, a presenteou com uma espada curta, de bronze esverdeado.

“Utilize essa poderosa arma somente quando tiveres o dragão a sua frente. Ela ira ajudar, pois você é só uma mera camponesa” avisou o Mago.

E assim, carregando sua arma e suas roupas, Maia partiu em busca do bracelete sagrado. Cruzando pradarias, aldeias e pântanos.

A estrada que seguia acabava subitamente em uma planície de gelo, o primevo Lago Frio. Maia andou nas pontas dos pés através da fina camada de água congelada do lugar. Porém, sem ela perceber, abaixo do lago, onde ainda era líquido, nadavam os tenebrosos Homens-peixe. Ao verem a jovem, os monstros começaram a se jogar contra o gelo, criando frestas e rachaduras na fina camada por onde caminhava. Ela se pôs a correr, e quando a crosta congelada estava quase que completamente quebrada, emergiu das profundezas o Homem-Peixe Rei, armado com uma faca.

“Você que se atreve a caminhar pelo Lago Frio” ,disse o Rei, “Escolha agora, cair na água e se afogar, ou receber seis cortes no pescoço?”

Maia encarou bem a criatura e sagazmente respondeu. “Prefiro seis cortes, pois assim terei brânquias para respirar embaixo d’água.”

O Rei sorriu e concedeu aos desejos da aventureira. Com a sua Faca, o Rei dos Homens-peixe cortou seis brânquias em seu pescoço e a permitiu seguir caminho.

Mas antes que ela saísse de vista, o Rei completou “Um presente nobre para uma simples camponesa”

Atravessado o lago, Maia acompanhou a estrada inconstante até a porta da Floresta. Através dos

carvalhos negros, do nascer ao por do sol, a jovem seguia incansável. Mas toda noite enquanto dormia ela ouvia o barulho alto e ressonante de madeira pesada que batia contra o chão, como se a floresta se move-se pelo anoitecer. Rodopiando e se alterando, a levando direto para o covil da feiticeira.

Logo ela avistou a cabana. Temerosa, mas constante, Maia seguiu caminho. Quando andou até a varanda do casebre, a porta se abriu com um estrondo e a Bruxa saiu flutuando e rindo em sua direção.

“Se você quiser passar, deve me chamar de um insulto que nunca me foi dito!” disse a feiticeira gracejando.

Maia pensou e pensou “Todos os que passaram por aqui devem tê-la chamado de ‘bela’, pois acreditavam que os guerreiros que vieram antes de si a chamavam de ‘feia’, mas nenhum realmente a insultou disso”. Com essa ideia na cabeça, Maia brandou “Feia!”

A bruxa gargalhou alto e caiu ao chão. “Você é muito sábia garota, por essa razão lhe permitirei passar, e lhe darei ainda minha pá. Ela é um instrumento mágico poderoso, diferente das outras pás que existem por ai, essa aqui cava somente para cima”.

Mas antes que saísse de vista, a bruxa adicionou “Continue seu caminho agora, pobre camponesa, e deixe meu reino solene”

E Maia seguiu a trilha que se abria pela floresta, confusa com o estranho presente. Continuou pela incólume estrada até chegar a boca da Caverna de R’yleh. Desceu iluminando o caminho somente com a luz de uma tocha instável. E quando atravessou toda a gruta de pedra, encontrou o terrível Koh-Mohr-Do.

O Dragão tinha mil cabeças; em cada cabeça, mil bocas; em cada boca, mil dentes; e em cada dente, mil tentáculos. Maia puxou sua espada, que ao vislumbrar o monstro, se virou contra sua dona e cortou-lhe o braço direito fora. E Enquanto Maia estava distraída tratando de seu ferimento, foi engolida inteira pela criatura.

O estomago de Koh-Mohr-Do era todo cheio de água verde, asfixiante para qualquer um, exceto a jovem, que graças as suas guelras, agora podia respirar livremente. Apesar disso, não havia saída do órgão. As paredes eram fortes e resistentes, sediam a cada golpe de Maia, e depois voltavam a se restituir. Quando estava prestes a desistir, a aventureira lembrou-se do presente da bruxa. Sacou a sua pá e começou a cavar para cima, criando um buraco enorme no monstro, que causou-lhe a morte.

Ao tombar no chão derrotado, o temível Dragão de Koh-Mohr-Do vomitou o Braclete-das-Dez-Mil-Curas no chão, aos pés de Maia.

Mas antes de morrer, a criatura rugiu “Vergonha, derrotado por uma reles camponesa...”

A jovem surpreendeu a todos quando retornou vitoriosa ao palácio. O bracelete fez sua magia e o Rei recuperou sua sanidade, assim como cresceu mais um braço para a camponesa. Como primeira ação, decretou que o Mago fosse queimado na fogueira, pois ele era o verdadeiro necromante que havia tramado contra o a saúde do Rei e contra os cem maiores guerreiros do reino.

Maia conseguiu o dinheiro que precisava e ajudou o pai a se curar da enfermidade. E eles se mudaram para corte do rei e viveram felizes pelo resto de suas vidas.

Lá Fora, na Casinha do Cachorro

INT - QUARTO - DIA.

VINCENT - 30 anos, barba mal feita, cabelo desgrenhado - está em frente a um espelho. Ele não usa camiseta, somente uma coleira. Completamente sozinho no lugar, Vincet conversa com o espelho.

VINCENT

Imagine uma porta de vidro. Com uma faixa branca no meio. Agora imagine que existe um adesivo de uma companhia de segurança, mas é um lugar humilde, não tem segurança alguma. O adesivo é só para assustar idiotas passando pela rua a noite. Mas não profissionais como eu.

VINCENT DO ESPELHO

Tá, tem certeza?

VINCENT

Sim. Tenho informação de dentro.

VINCENT DO ESPELHO

De dentro? quer dizer... ela? Você é um idiota Vincent.

VINCENT

Exato. Eu sou.

(Ele se afasta do espelho)

Então, o problema da porta pode ser resolvido com um prisma de base retangular, laranja. Conhecido nas ruas como tijolo. Adicione a lista.

Vincent do Espelho escreve OLOJIT na superfície do espelho.

VICENT DO ESPELHO

Eu não...

VINCENT

Com isso resolvido sobra a porta para a habitação. Está trancada à chave. Chave essa que fica em um molho, junto com as irmãs, em um prego na parede da cozinha da casa do doutor.

VINCENT DO ESPELHO

Suas informações estão precisas.

VINCENT

É. Então eu estou pensando em eu mesmo quebrar. A base do chute. Tenho treinado bastante.

(Ele mostra a coxa direita para o espelho.)

Ta vendo?

VICENT DO ESPELHO

Ok, talvez... Mas ainda assim...
Não acho que seja a melhor solução.
Talvez uma gazua?

VINCENT

Eu não tenho nenhuma, e nem a habilidade para usar uma. Então, eu acho que dada as circunstancias, o meu pé vai ter que fazer o trabalho.

(Se aproximando do espelho)

Em seguida tem as gaiolas, eu já dei uma olhada e sei quem eu quero pegar de lá...

Vincent olha para trás e nota que sua CADELA o está observando. Vincent fica completamente assustado.

VINCENT

O quanto dessa conversa você ouviu?

O animal o ignora e continua seu caminho

VINCENT

Merda! Merda!

(ele anda pelo quarto)

Bem, isso é um problema para depois. Tudo sobre controle. Bem, de qualquer forma... Nós só precisamos abrir a gaiola, e é ai que nossos problemas começam. Não tem chave nenhuma. Todas as celas são monitoradas por um computador, nessa sala. Que eu não tenho a senha.

VINCENT DO ESPELHO

A sua namorada não sabe?

VINCENT

Bem. Talvez... Ela não falou nada, todo o resto eu consegui tirar dela sem ele desconfiar. Mas uma senha, isso é muito especifico. Ela ia acabar descobrindo.

VINCENT DO ESPELHO

Bem, eu acho que ela já descobriu de qualquer jeito, então o que custa?

VINCENT

Vou falar com ela depois. Ver o que ela sabe, tentar resolver isso.

VINCENT DO ESPELHO

Pensei que tudo isso fosse só pra você pegar um novo e fugir com ele pra sei lá onde você quer ir viver sei lá como.

VINCENT

Eu quero isso, mas eu... Eu não quero que ela sofra assim, não quero que as coisas terminem dessa forma. Não quero ir embora pensando que eu deixei ela aqui, me odiando.

VINCENT DO ESPELHO

Se você sair ela vai te odiar, independente.

VINCENT

Eu estou aqui agora e ela já me odeia! Foda-se, depois eu resolvo isso... O que eu preciso agora é uma senha.

Ele escreve AHNES no espelho.

VINCENT DO ESPELHO

Eu imagino que depois disso é só abrir a jaula, pegar e correr.

VINCENT

Bem, aí que entra o grande problema. O petshop fica numa área residencial. Mesmo horas depois da meia noite, alguém vai ouvir o vidro quebrar, vai ficar desconfiado. Depois de chutar a porta, esse sujeito certamente vai chamar a polícia. Da tempo de sair, mas não a pé. Eu preciso de um carro de fuga, e mais importante, alguém para dirigir.

VINCENT DO ESPELHO

Você é um idiota antisocial, tão narcisista que o seu melhor amigo é um espelho. Quem diabos tu vai achar para dirigir esse carro, Vincent?

VINCENT

Eu pensei em uma cara.

(Ele anda para longe do espelho, e então se vira subitamente)

Você.

VINCENT DO ESPELHO

Eu? Nem fudendo.

VINCENT

Por favor. Eu preciso de ti. É a única coisa que falta e...

VINCENT DO ESPELHO

(Sobrepondo)

Não, Não, não! Eu não vou participar disso. Só pra você poder trocar o teu cadela por um mais novo. É estúpido Vincent, é só, não tem sentido. Você tem algo que...

Vai perder tudo, e por que? Ele ta ficando velho? O pelo está ficando branco?

Vincent se senta, reclinando no espelho.

VINCENT

Eu preciso disso cara. Eu preciso da tua ajuda. Preciso de ti. Eu nunca tive ninguém além de ti.

VINCENT DO ESPELHO

Você tem sim seu idiota. Pelo menos você tinha. Até começar com essas merdas. Você tinha alguém Vince, encontrou algo que todo mundo procura, e jogou pela merda da janela.

Vincent se levanta.

VINCENT

Se você não for, eu vou sozinho.
Vou ser preso.

VINCENT DO ESPELHO

Eu sei.

VINCENT

Não tem espelhos na cadeia, idiota.
Eu caio, tu cai junto.

VINCENT DO ESPELHO

Você está blefando.

VINCENT

Estou? Você me conhece, eu estou blefando?

(Silencio)

Hã? Responde, eu to blefando?

VINCENT DO ESPELHO
(Virando de costas)

Eu te levo e eu te busco. E depois você foge e nunca mais me procura de novo. É isso, fica longe de mim, e fica longe daquela cadela.

VINCENT

Ok, baby, ok. Um problema resolvido, só falta mais um.

VINCENT DO ESPELHO Eu te odeio, Vicent. Como você consegue se olhar no espelho?

INT - COZINHA - DIA.

A cadela está bebendo água do seu potinho. Vincent entra e começa a passar a mão na cabeça dele.

CADELA

Não me toca.

Vincent se afasta e vira para o outro lado.

VINCENT

Eu sei que você sabe.

CADELA

E?

VINCENT

Eu que que você saiba que eu te amo, e que não é algo pessoal.

CADELA

Você está fugindo com alguma putinha, 4 anos mais nova. Mas não é nada pessoal...

VINCENT

Você sabe como os anos funcionam em cachorros...

CADELA

Cala a boca! Eu não quero ter que ouvir mais isso. Eu te amava, Vincent. Por que? O que eu fiz de errado?

VINCENT

Não é...

CADELA

O que eu estou dizendo? Por que eu estou me culpando? Você é o monstro aqui Vince... Sempre a carne jovem. Quando os teus olhos ficam mais lentos e o pelo começa a ficar branco, é logo hora de chamar a carrocinha, não é?

VINCENT

Olha. Não é isso. Eu te amo, e eu não nego isso. E eu não escondo isso, e eu não luto contra isso. E talvez de tudo errado, eu nem ao menos tenho a senha para as jaulas, talvez a policia esteja lá na hora. Eu não sei. Mas eu sei que preciso fazer isso, preciso fugir desse lugar nojento, escapar. Eu não consigo nem olhar o meu reflexo no espelho mais. Está tudo tão fudido. E eu não quero te arrastar mais fundo na minha vida. Só, só me da a senha e nós ficamos fora da vida um do outro, pra sempre.

(Vincent se aproxima do animal novamente)

CADELA

Fica longe de mim Vincent. Eu sei que você só precisa da senha. Sei que tudo que sai da tua boca é mentira. Tu é um monstro. Destrói tudo que toca. Nem o teu reflexo quer te ver mais. Eu sei. Você quer tanto assim saber a senha, eu te digo. A senha é AMESEUSBICHOS. Tudo junto. Ve se aprende.

VINCENT

Eu te amo cão. Te amo do fundo do meu coração. Mas você merce mais do que isso.

Vincent se levanta e anda até a saída.

VINCENT

Você foi a melhor coisa que me aconteceu. Sempre me lembrarei do tempo que fui seu.

Ele tira a coleira do pescoço que cai no chão.

EXT - PET SHOP - NOITE.

O carro de vincente está estacionada na rua, a frente do prédio. O espelho está no banco do motorista e Vincent está sentado ao lado.

VINCENT

Hora do show.

Vincent sai do carro com um tijolo chão, ele o levanta e mira em direção a porta de vidro

CUT TO:

INT - COZINHA - DIA.

A câmera mostra um cinzeiro, com um cigarro ainda soltando fumaça, e vai lentamente para a direita. Os sons da cena anterior continuam, ouvimos vidro quebrando, e as sirenes da polícia apitando. O barulho é substituído pela música "I Love my Dog" do Cat Stevens.

VINCENT [O.S]

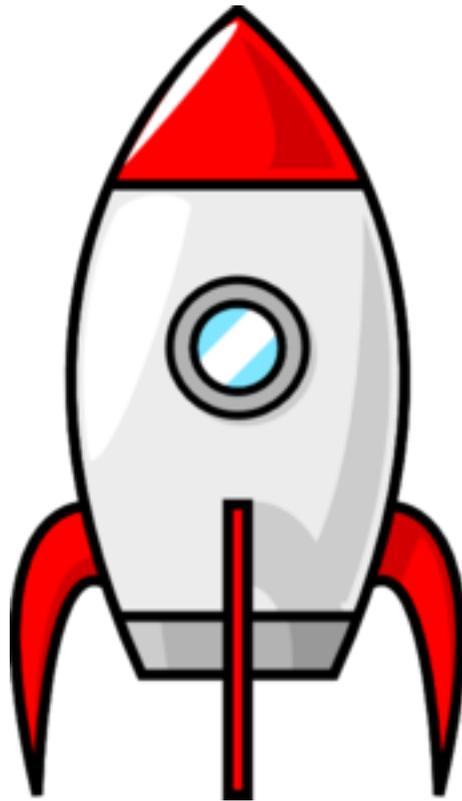
É uma cilada!

A câmera continua a se mover, mostrando um telefone fora do gancho, até encontrar a geladeira, então começa a descer. Preso na geladeira está um bilhete: "190 - polícia; 192 - SAMU; 193 - Bombeiros." Finalmente, a camera chega até o pé da geladeira, aonde a cadela bebe sua água, desolado.

FIM

Descreva o Objeto

Eles me vendaram e me sentaram em uma cadeira. A atividade é: Descrever o objeto que me derem na mão, depois a turma (eu inclusive) escrevera um parágrafo (ou dois) sobre ele. Me oferecem o protótipo. Metálico, meio oval, com uma ponta arredondada. Será que é algum objeto sexual? Eles não iam me dar um objeto sexual numa aula, se bem que é a faculdade... Mas não! No meio do corredor, vendado segurando um consolo. Porque será que se chama consolo? Tem três pernas, um tripé? Da para colocar uma câmera em cima? Não tem encaixe. Será que é um boneco? Réplica dos aliens de Guerra dos Mundos. O que aconteceu com o Spielberg? Será que eu vou ter que escrever um conto também? Eu posso escrever sobre eu mesmo descrevendo o objeto, é... Isso pode dar certo.



Micro-Contos

Tiroteio

Cinco Balas no Tambor. Uma bala na cabeça.

Vácuo*

Quando acordou, ainda estava lá.

Miopia

Tentei contar as estrelas no céu mas não encontrei nenhuma.

*Baseado no micro-conto de Augusto Monterroso "O Dinossauro"

Cavalo Dado

EXT - RUA - NOITE.

As luzes em forma de cone que descem dos postes pintam a única iluminação contra a escuridão da cidade. Nenhum ser vivo pode ser visto naquelas paisagens cobertas por jornais velhos e sacolas plásticas.

Lá no fundo da estrada cruzam dois faróis de um taxi que, aproveitando a desolação para acelerar ao máximo, se vira e dirige até a metade da rua, onde estaciona bruscamente em cima do meio-fio.

Do carro desce OBAJARA - mulher jovem e de aparência saudável - usando um vestido formal e segurando seu casaco na mão. Ela abre a porta apressada e nervosa. O Taxista grita com Obajara e vira o carro bruscamente, voltando pelo caminho que o trouxe ali.

Obajara se vira e caminha até um portão. O interfone tem uma mensagem dizendo que está em manutenção. Ela olha ao redor

um pouco nervosa, e vendo a casa nota uma figura na janela, que não consegue distinguir muito bem. Obajara acena e tenta chamar a atenção da pessoa, mas sem efeito. Ela aperta o interfone, nada. Sem outras opções, começa a bater palma forte, tentando chamar a atenção de alguém. O portão se

abre. Obajara surpresa segue o caminho até a mansão.

EXT - MANSÃO - NOITE.

Obajara chega na porta e é recebida por uma mulher, a ENTREVISTADORA - Mulher de Meia-idade, rosto duro, estatura média, forte. Ela fala enquanto guia Obajara para dentro, andando sempre de nariz empinado.

ENTREVISTADORA

(Sem emoção)

O portão era um prova designado para
testar até qual degradação
você se subjugaria para chegar até aqui.

INT - MANSÃO - NOITE.

Obajara olha ao redor surpreendida pela imensidão e luxúria do lugar a sua volta.

ENTREVISTADORA

Pode deixar seu casaco aqui na lixeira.

Obajara apreensiva coloca o casaco numa lata de lixo.

ENTREVISTADORA

Me de um sorriso bem largo.

Obajara olha ao redor e sem ver o que fazer, dá um sorriso bem grande. A Entrevistadora anota algo em sua ficha, se vira e guia Obajara pela mansão.

ENTREVISTADORA

Seu nome é Obajara correto?

OBAJARA

Sim...

ENTREVISTADORA

Não fale por favor. Responda somente com um aceno da cabeça.

(Pausa)

Obajara... Que nome peculiar...

Obajara acena positivamente.

ENTREVISTADORA

(Lendo a ficha)

Você está aqui para poder prover para sua família correto?

Obajara acena positivamente.

ENTREVISTADORA

Entendo. Vejo aqui que você tem 21 anos.

Ela para de andar, se vira para Obajara e ergue seu queixo com o dedo.

ENTREVISTADORA

Quadril largos, dentes saudáveis.
Se você for iniciada, provavelmente terá mais cinco anos de vida. Muito bom.

A Entrevistadora chega até uma porta, ela abre e mostra o caminho para Obajara.

INT - SALA DE TESTES - NOITE.

É um escritório preenchido com algumas máquinas como balanças e outros aparelhos fisioterapêuticos.

ENTREVISTADORA

Fique aqui. Vou tirar algumas medidas suas enquanto eu lhe faço algumas perguntas. Se eu não puder ver seu rosto, me responda com um grunhido.

A entrevistadora pega uma trena. E se ajoelha para tirar a medida do quadril e das coxas de Obajara.

ENTREVISTADORA

É esperado que você performe felação em alguns dos nossos enfermos mais ricos. Antes e depois que nós lhe infectamos. Os seus dentes eventualmente irão cair, o que facilitará a tarefa. Outras formas de interação sexual não serão exigidas, mas nós aconselhamos que se realize. Você compreende?

Obajara parece chocada, e um pouco de suor corre em sua testa. Mesmo assim ela grunhi favoravelmente.

ENTREVISTADORA

90% de toda a riqueza no mundo está concentrada nos 1% mais doente. Estou considerando você favoravelmente Obajara. É muita sorte sua, deveria mostrar mais gratidão

(pausa)

Você é casada?

Obajara nega.

ENTREVISTADORA

Ótimo. Será requerido que você encontre um marido e se case assim que possível.

A Entrevistadora termina o serviço e direciona Obajara até uma cadeira. Ela se senta. A Entrevistadora pega alguns aparelhos na mesa.

ENTREVISTADORA

Abra bem a boca.

Obajara abre a boca e a mulher começa a observar com uma lanterna e um espelho os dentes.

ENTREVISTADORA

Você tem ótimos dentes, e uma boca saudável. Como eu lhe disse, eles irão todos cair. Você está ciente dos outros sintomas?

Obajara a observa sem conseguir responder.

ENTREVISTADORA

Não consegue grunhir? Interessante... De qualquer forma, o vírus afeta principalmente a sua musculatura e temperamento. O pescoço vai ficar mais tenso e puxado para baixo, o que vai te

deixar com o nariz empinado. Assim como os músculos do rosto endurecerão, o que previne rugas a

longo prazo. Os dentes cairão, como eu já disse e por fim o seu temperamento: Você ficará mais obsessiva e terá o desejo incontrolável de falar sobre as coisas que possui, ou sobre a sua vida. Os infectados falam bastante, você vai perceber.

A Entrevistadora tira os aparelhos da boca de Obajara, se levanta e anda até o balcão.

ENTREVISTADORA

(Pegando um arquivo)

Todas as coisas consideradas, eu não vejo mais motivo para continuarmos a entrevista. Se você puder assinar aqui nós começaremos a infecção imediatamente.

Obajara parece mais relaxada, ela pega os papéis e uma caneta e assina o seu nome.

ENTREVISTADORA

Perfeito, agora a injeção.

A Entrevistadora anda até uma pintura. "O Triunfo da Morte" de Pieter Bruegel, ela remove a obra para revelar um cofre. Depois de colocar a senha, ela abre o cofre e retira de lá uma seringa carregada.

ENTREVISTADORA

(Enquanto se aproxima de Obajara)

Você sentirá um pouco de pressão.

Ela posiciona a agulha no pescoço de Obajara.

ENTREVISTADORA

E depois uma dor de queimadura insuportável.

Ela enfia a seringa no pescoço de Obajara e aperta o líquido lá dentro. Obajara segura seu grito e começa a lacrimejar. A Entrevistada coloca um algodão no lugar e remove a agulha.

ENTREVISTADORA

Obajara?

Os olhos de Obajara começam a se fechar e sua cabeça cai para a esquerda, até que ela eventualmente desmaia.

FADE OUT

INT - SALÃO ESCURO - DESCONHECIDO.

Obajara está amarrada em uma cadeira, vendada. Não conseguimos ver nada do lugar ao seu redor. Ofegante ela tenta se soltar das cordas, mas é inútil. O constante balançar de seu corpo acaba virando a cadeira e ela cai no chão de lado, ainda presa.

As luzes se acendem com um estouro e nos vemos TRÊS HOMENS - idosos, com o nariz empinado, a pele esticada e usando dentaduras - sentados em um balcão alto. O salão lembra um tribunal, com Obajara caída no centro.

1# HOMEM

Nós desculpe pela venda, é um tanto rudimentar da nossa parte, eu admito. Nós costumávamos usar máscaras para esconder nossa identidade, mas elas ficavam caindo devido ao nariz empinado. Tivemos que optar por algo mais seguro.

2# HOMEM (Tossindo)

Perdão...

Obajara começa a chorar.

1# HOMEM

Não há necessidade de criar uma cena. Nós nem começamos a parte ruim.

3# HOMEM

Conte logo.

2# HOMEM

(Tossindo)

Tão Terrível...

1# HOMEM

Você deve ter notado que existem duas
marcas de agulha no seu pescoço... E
bem...

3# HOMEM

Ela está vendada.

1# HOMEM

(Olhando para o terceiro)

Oh... É verdade.

(Vira para Obajara)

De qualquer forma, nós aplicamos
uma vacina contra a doença no seu
corpo...

Obajara grita.

2# HOMEM (Tossindo)

Não a motivo para ficar nervosa...

1# HOMEM

Calma, calma. Está tudo bem. É só porque
nós precisamos de você Obajara, do jeito
que você é agora.

(Ele faz uma pausa e
respira fundo)

Você vê, o meu amigo aqui...

Ele aponta para o 2# Homem, mas depois percebe que ela não enxerga.

1# HOMEM

Oh... hã, tem um outro homem aqui
ao meu lado. Bem, ele não é o que

você pode chamar de um homem muito higiênico. E bem... Resumindo, ele precisa de 32 dentes novos e eu... felizmente essa é a mesma quantidade que nós encontramos na sua boca... Então...

Obajara está chorando. O segundo homem sorri meio desconcertado para os outros.

3# HOMEM

Você nunca ia ser chamada mesmo garota. Obajara, que tipo de nome é esse? Indígena? Por favor garota, tenha um pouco de noção.

2# HOMEM (Tossindo)

Não precisa ser assim grosso...

Um homem FARDADO e a Entrevistadora, segurando um alicate, entram na sala. O Fardado levanta a cadeira de Obajara e a coloca em pé.

1# HOMEM

Acho que nós podemos todos nos retirar agora.

3# HOMEM

Eu ficarei.

O Primeiro e Segundo homem olham o terceiro de forma estranha e então se retiram da sala.

ENTREVISTADORA

(Para Obajara)

Ola Obajara. Me desculpe por iludi-la durante nossa entrevista, espero que você não guarde rancor. Sabe, se você nos conhecer melhor,

vai perceber que no fundo, nós
somos pessoas muito boas. Agora por
favor abra bem a boca.

Ela fecha a boca com força, chorando. O homem na farda abre
forçadamente a boca dela com uma luva e coloca um aparelho - espécie
de mordança - que deixa os dentes expostos e a boca bem aberta.

ENTREVISTADORA

Não há motivo para essa rebeldia garota.

(Levanta o alicate)

Eu imagino que isso vá doer um pouco.

A câmera se afasta com o som dos gritos de Obajara.

FADE TO BLACK

